

Revista da

FACED

Universidade Federal da Bahia



8

ISSN 1516-2907

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm.

III Consideração Intempestiva:

Schopenhauer Educador.

In: Escritos sobre Educação.

Tradução Noeli Correia de Melo Sobrinho, Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

Pouco se lê sobre os textos do jovem Nietzsche, principalmente os que tratam sobre a educação: as cinco conferências de 1874 que originaram a obra inacabada “Sobre o Futuro de nossos Estabelecimentos de Ensino” e a “Terceira Intempestiva: Schopenhauer Educador”. Estes escritos tratam da primeira fase do filósofo, quando é influenciado por Arthur Schopenhauer e por Richard Wagner. Num momento posterior, rompe com essas influências, imprimindo um pensamento próprio, fazendo jus a sua idéia de educação expressa na *Terceira Consideração Intempestiva*.

Essa *Consideração* é combativa, na qual o jovem filósofo coloca Schopenhauer como um guia para a educação que teria como finalidade o engendramento do gênio para a melhoria da espécie. O texto mescla elogios a Schopenhauer e marteladas, quase arrogantes, à cultura de sua época e à educação tecnicista e pragmática. A educação é concebida como devendo ser formadora da emancipação do indivíduo. O que fazer com a própria vida? Esse apelo à consciência acentua a sensação de solidão de um indivíduo que não consegue mais confiar nem na religião, nem no Estado e nem na sociedade, restando-lhe buscar seu próprio caminho. Educar contra nossa época significa entretecer a educação à vida.

É na perspectiva do viajante, o “deslocado” da cultura de seu tempo, que Nietzsche introduz o texto. Realizando um sobrevôo por esta cultura, disfarça-se de um moralista para falar sobre a natureza preguiçosa e temerosa do homem de rebanho que não se vê como singular e múltiplo e que, por comodidade, prefere arrebanhar-se e seguir com a sua cabeça baixa sob o peso da moral. Cabe ao próprio indivíduo libertar-se dos grilhões dessa falsa cultura.

O rebanho, “o comportamento indiferente das mercadorias fabricadas em série”, impede o homem de conhecer a si mesmo. E esse *si mesmo*, nada tem a ver com o *conhece-te a ti mesmo* socrático, que pressupõe uma essência a ser descoberta por um movimento dialético do *te*. Já o *conhecer a si mesmo* nietzscheano passa por uma invenção de si mesmo no qual o indivíduo torna-

Maurício Cavalcante Rios
graduando em Filosofia - UFBA
mauricorios@hotmail.com

Marcelo Mates de Oliveira
mestrando em Educação - UFBA
celeza@terra.com.br

se aquilo que ele é. É o jogo do desconhecido, é pensar contra si mesmo e a sua época. Se a lebre tem sete peles, o homem pode querer retirar setenta vezes as sete peles e nem assim conseguirá dizer: Ah! Por fim, eis o que sou verdadeiramente, não há mais invólucro (NIETZSCHE, 2003, p.141). A nossa essência não seria apenas a nossa interioridade, mas também aquilo que está acima de nós; os objetos que veneramos, as nossas amizades, os nossos ódios, o nosso olhar, os livros que gostamos de ler... a vida.

O engendramento do gênio não acontece sem perigos e o Schopenhauer de Nietzsche enfrenta os três grandes perigos que aparecem nesse processo de diferenciação do rebanho: (1) o *isolamento* ou a recuada à interioridade onde nenhum tirano pode penetrar; (2) o *desespero da verdade* que não se reduz à busca da coisa-em-si, nem ao aprisionamento à vida de fantasmas da “ciência pura”, nem a procura dos prós e dos contras nas coisas e (3) a *nostalgia e a melancolia* causada pelos limites de nossos dons que podem romper com o liame que separa o homem do ideal ao qual ele aspira, podendo torná-lo moralmente e intelectualmente duro. Exatamente por ter atravessado estes perigos que Schopenhauer é um filósofo que educa.

Nietzsche lista quatro obstáculos que impediriam o objetivo supremo da verdadeira cultura: o engendramento do gênio que há em nós e fora de nós, a saber:

O *egoísmo dos negociantes* é o primeiro obstáculo, pois se preocupa com o conhecimento e a cultura, no sentido de formar homens para a produção de mais lucro o que repercute diretamente no tempo da formação:

Aqui, execra-se a educação que torna solitário, que coloca fins superiores ao dinheiro e ao ganho, e que exige muito tempo (...). Segundo a moral que prevalece aqui, é exatamente o contrário que é apreciado: uma educação rápida, para se tornar logo um ser que ganha dinheiro (NIETZSCHE, 2003, p. 186).

O segundo obstáculo, o *egoísmo do Estado*, tenta promover a extensão e a generalização da cultura, visando rivalizar com outros Estados. Seu objetivo é formar os jovens para que se tornem futuros profissionais adaptados e úteis às instituições existentes, e não para ir além delas, pois poderiam detectar fraquezas nessa estrutura e revolucioná-la.

O *egoísmo dos artistas* é o terceiro obstáculo e se resume na “bela forma” como um refinamento da arte. O que eles fazem é o avesso do seu instinto: um tédio com relação à vida tentando preenchê-la com formas abstratas e vazias em um ideal de perfeição que está longe do devir da cultura ligada à vida.

O último obstáculo é o *egoísmo da ciência* dos eruditos que desprezam o sofrimento e preocupam-se apenas com uma questão de lógica. Tal comportamento está distante da vida, porque vê o conhecimento não como uma força promotora do gênio, mas como um trabalho calculado onde tudo pode ser medido, previsível e remediado.

Em suma, o erudito da ciência, para o jovem Nietzsche, seria: (1) uma “rede misturada de impulsos e excitações muito variadas” de “curiosidade forte,” onde a luta pela verdade seria apenas um pretexto pois seus objetivos são os prazeres e as vitórias pessoais, (2) um observador parcial, (3) incapaz de perceber o que é essencial, (4) um ser árido, (5) muito modesto, (6) muito fiel aos seus mestres, (7) estreito de visão, (8) um fugitivo do tédio, pois não sabe o que fazer com o ócio (9) um buscador da verdade “lucrativa”, (10) membro de uma rede corporativa onde todos “se vigiam com o mais extremo ciúme”, (11) vaidoso, (12) um jogador e (13) injusto.

Em todos os tempos, sempre houve uma antinomia entre o erudito e o gênio. O primeiro é infecundo, quer matar a natureza dissecando-a em suas análises e expressa um ódio natural contra o segundo que é muito fecundo e quer)acrescentar à natureza uma nova natureza viva através da criação de novos valores.

Quais seriam, então, as condições que proporcionariam o nascimento do gênio? Segundo Nietzsche, à época em que ele viveu isto não se realizaria devido aos obstáculos já citados, por exemplo, o próprio Sócrates, apesar da crítica, não poderia ter vivido nesse tempo porque representaria a figura do gênio, o indivíduo que conseguiu se afastar do rebanho sem se fechar em si mesmo, pois pensava sobre a *pólis* procurando conduzir os jovens a rever os seus conceitos passados por esta tradição. Será que em nosso tempo atual é possível formar o gênio?

O nosso tempo histórico não possui uma solidez assentada e durável no que diz respeito à *crença numa significação metafísica da cultura*. O que existe é uma encruzilhada com dois caminhos na qual o indivíduo que percebe o pensamento fundamental da

cultura pode escolher. O primeiro que tem como objetivo a manutenção da instituição da cultura e a eliminação dos rebeldes e dos solitários e de todos aqueles que visam a objetivos mais elevados e mais distantes. O segundo caminho é fazer parte de um grupo menos numeroso que acredita que a instituição da cultura não deve ser arrastada pela torrente do rebanho.

Apesar das condições adversas, o Schopenhauer de Nietzsche segue o segundo caminho porque vai contra os eruditos, contra a insanidade vaidosa e o pedantismo intelectual. Ele expressa o seu gênio porque conseguiu ligar a cultura à sua vivência; observou que a existência é carregada de sofrimentos, de angústias e de afetos que são necessários para um pensar contra a sua época se afastando de uma filosofia e de uma educação que trabalha conceitos vazios desprovidos de qualquer experiência.

Nietzsche caminha para o fechamento desse escrito, criticando o Estado, o magistério e a filosofia universitária que não promovem o nascimento do gênio filosófico, argüindo que seria “preciso escrever como epitáfio da tumba da filosofia universitária: ‘Ela jamais comoveu ninguém’” (NIETZSCHE, 2003, p. 221). É necessário que a postura filosófica sensibilize o jovem, pois a verdade é uma coisa terrível e perigosa. Tal constatação relaciona-se com o nosso tempo, pois assistimos a um forte desprestígio com relação à filosofia e a sua ligação com a educação. O que aconteceria se a juventude descobrisse com que propósito se comete tal abuso contra a filosofia?